
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

POESIA E IDENTIDADE CULTURAL EM MATO GROSSO DO SUL

José Antonio de Souza
(UEMS/PG UEL)

RESUMO: A pluralidade cultural de um país, ou mesmo de um estado, pode ser verificada em variadas manifestações de diversas ordens; a literatura é uma delas. Pretende-se, com o presente trabalho, evidenciar, por intermédio de alguns aspectos da produção literária de três poetas de Mato Grosso do Sul, indícios de uma identidade plural e multifacetada.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, cultura sul-mato-grossense, identidade.

Introdução

O que nos iguala é o fato de sermos humanos. Nesta igualdade, entretanto, as diferenças são as principais marcas identitárias, ou melhor, é justamente por meio da diferença que a identidade é constituída e, portanto, o outro é essencial no processo de auto-reconhecimento. Segundo Silva, “identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas, (...) partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação lingüística (...) e significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem” (2000: 76).

O vocábulo “multiculturalismo”, quando dimensionado de maneira circunscrita apenas à evocação da multiplicidade cultural, pode trazer em seu bojo algo extremamente arraigado em nossa sociedade, quase um equívoco histórico: a idéia de convivência entre culturas distintas de maneira pacífica e harmoniosa. Culler elabora a seguinte indagação: “O discurso representa identidades que já existem ou as produz?” (1999: 111). Partindo do pressuposto que esse processo (representação/produção) é duplo: o discurso representa e produz identidades, objetiva-se, como direcionamento para o presente trabalho, discutir o processo de identificação cultural em MS por meio da aproximação entre a produção literária de três autores: Manoel de Barros, Flora Thomé e Emmanuel Marinho. Convém ressaltar, no entanto, que não se ambiciona, aqui, abordar os diversos aspectos que envolveriam a totalidade da produção literária dos três autores.

Poesia, cultura e identidade sul-mato-grossense

Para Couceiro, cultura deveria ser um termo utilizado no plural, dada a “impossibilidade de unir de forma harmônica e generalizante as manifestações culturais das várias esferas da sociedade” (2002: 15). A pluralidade da cultura brasileira é refletida, dentre as inúmeras manifestações, tanto no sincretismo religioso existente no país quanto na produção artística e, há muito, a questão da construção da identidade cultural brasileira está intimamente ligada à produção literária. Para ficarmos apenas com dois exemplos, já no Romantismo, de acordo com Helena, José de Alencar buscava:

atuar pedagogicamente na formação do país, através da formação do leitor. Muito mais do que cor local que exageradamente pintasse, o espaço em que situa suas personagens – entre a serra, a selva e o litoral – pode ser visto como um padrão de formação da nacionalidade em que o eu individual, o social e o natural, postos na sua geografia, têm contas a ajustar na problemática construção da identidade romântica. (2002: 10)

Mário de Andrade, ainda na primeira metade do século XX, foi um dos grandes defensores de que a cultura brasileira, assim como nossa população, possui traços que evidenciam a diversidade como um aspecto relevante na construção de nossa identidade cultural, segundo Beatriz Resende “somente o entendimento, já naquele momento, da importância do hibridismo na constituição da cultura, permitiria criar um personagem como Macunaíma” (2001: 95).

Dessa maneira, Mário de Andrade antecipa, para a realidade local, para o Modernismo e, da mesma forma para o coletivo, os pressupostos de Hall (2001) acerca do hibridismo no processo de identificação cultural na pós-modernidade.

A diversidade cultural brasileira, assim como o processo de identificação nacional, relaciona-se à construção de identidades regionais distintas, marcadamente pela evidente preocupação dos estados que compõem a União com a consolidação de uma identidade própria, especialmente os criados mais recentemente, com menor tradição cultural e menos prestigiados economicamente. Assim, se por um lado temos a emergência de nações e de indivíduos multifacetados, por outro se evidencia uma espécie de urgência na construção de identidades regionais distintas, com marcas bem definidas. Se Bachelard (1988: 116) nos remete à idéia de que “o mundo é um ninho”, sugerindo a ampliação do signo, a cultura sul-mato-grossense tem como ninho o pantanal.

As tentativas de associar o Pantanal a Mato Grosso do Sul são comuns em diversos setores e extrapolam os limites estaduais, repercutindo nacionalmente; o país como um todo, em vários segmentos, explora a imagem da natureza brasileira, muitas vezes ainda relaciona ao exotismo. Com a literatura, essa identificação com a natureza também ocorre dentro e fora dos limites estaduais.

Alçado à condição de ícone da cultura sul-mato-grossense, ao poeta Manoel de Barros quase é destinada a condição de poeta oficial. Essa ligação é perceptível, por exemplo, nas considerações que Bosi efetiva sobre Barros e a poesia brasileira contemporânea:

a poesia deste fim de milênio parece ter cortado as amarras que a pudessem atar a qualquer ideal de unidade, quer ético-político, quer mesmo estético,

no sentido moderno de construtivo de um objeto artístico. Muitos dos seus textos encenam o teatro da dispersão pós-moderna e suas tendências centrífugas: atomizam-se motivos, misturam-se estilos e as sensibilidades mais agudas expõem ao leitor a consciência da própria desintegração.

Em face desse quadro, impensável sem a aceleração dos processos modernizantes do capitalismo e da indústria cultural, vale ressaltar, pelo contraste, a coerência vigorosa e serena da palavra de Manuel de Barros, nascida em contacto com a paisagem e o homem do Pantanal e trabalhada em uma linguagem que lembra, a espaços, a aventura mitopoética de Guimarães Rosa, sem ombrear, é certo, com a sustentada densidade estética do grande narrador. Conhecida de poucos durante longo tempo, a obra de Manuel de Barros só alcançou o êxito que merece depois que sopraram também no mundo acadêmico os ventos da ecologia e da contracultura. (2000: 488)

Assim como Bosi, alguns críticos locais tendem a essa associação entre o poeta e o pantanal. Menezes, discorrendo sobre a questão, afirma que “se o quadro da literatura em geral ainda é um pouco comprometido com a história recente da formação do estado, o mesmo não se pode dizer da poesia, pois esta leva o nome do estado e do Pantanal aos anais da história, com o poeta Manoel de Barros” e considera relevante o fato de Barros “trazer impregnado em sua re-invenção da palavra o Pantanal, os costumes, as origens e a cultura sul-mato-grossense” (2002: 42).

A distinção efetivada entre a “literatura em geral” e a poética de Barros tende a reiterar o desnivelamento de status entre o poeta e os demais autores locais; tais atitudes provocam, para além de um estereótipo da produção literária de Manoel de Barros, a redução a um segundo plano de outros autores, bem como serve de reafirmação para a própria cultura que se tenta instituir ancorada em limites geográfico-espaciais. Para Menegazzo o estereótipo regionalista acerca de Mato Grosso do Sul é fruto de um “certo olhar que vem de fora”, “estrangeiro”, evocado pelos traços semânticos que o próprio nome sugere - Mato Grosso -, entretanto, dado o processo migratório e as próprias fronteiras geográficas, o estado “apresenta formas culturais fundamentadas na invenção, superando o estereótipo naturalista/regionalista, construindo sua história numa perspectiva telúrica e universal” (2000: 45).

O texto de abertura do *Livro de pré-coisas* (1997: 9), “Anúncio”, torna-se bastante significativo para a compreensão da poética de Manoel de Barros dissociada de uma ligação exclusiva ao universo pantaneiro, regional:

Este não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma anunciação. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódos de imagens. Festejos de linguagem.

Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris...

(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras...

Isso é fazer natureza. Transfazer.)

Essas pré-coisas de poesia.

“Transfazer” a natureza, (re)criar a partir de elementos diversos que não estão, via de regra, ligados à concepção de um espaço geográfico específico, o pantanal, idealizado

como “paraíso natural”; poetar a partir de “pré-coisas”; como um exercício metalingüístico, captar a poesia em seu nascedouro, em objetos, seres e acontecimentos ínfimos que possuam uma pré-existência poética, como os “pregos primaveris”. A prosa poética de Barros revela, nessa obra, muito mais a preocupação estética que a simples valorização do Pantanal, como já indica o primeiro período/verso e a própria aproximação entre anúncio/enunciado. A natureza, em todos os seus aspectos, o universo, enfim, e palavra são os responsáveis pela motivação do artista, da mesma forma que sua obra servirá de mediadora para a (re)criação, como quando, em 2001, Luiz Melodia lança um CD com o título homônimo à obra de Barros, *Retrato do artista quando coisa* (1998).

Poeta de Três Lagoas, cidade na divisa de MS com São Paulo, Flora Egídio Thomé marca o início de sua produção literária com a publicação de *Cirros* (1960). Na orelha da obra observam-se apreciações, entre outros, de Cecília Meireles e Cassiano Ricardo. Já nessa obra, despontam algumas evidências de seu estilo pessoal: a preferência pelo verso curto (Lá vem um trem./ correndo vem,/ fazendo curva,/ jogando apito,/ cheio de trem.); a voz feminina (Me sinto mulher/ e olho pra rua./ Eu tenho desejos/ (ah! desejos impossíveis) (...)) Impossível é/ conceber que/ alguém mulher/ viveu sem conhecer/ a glória suprema/ por que nasceu mulher!); versos que aglutinam essas duas características a um certo pessimismo e à introspecção (Prefiro a solidão./ Sempre./ Só, me torno menos ridícula/ aos olhos do mundo); a metalinguagem (Este meu poema não existe,/ Em meu peito ecoa/ o silêncio/ apenas.), além de apropriações de elementos tais como a noite e a velocidade do tempo. Seguem-se as publicações de *Antologia Dimensional de Poetas Três-Lagoenses* (1983), *Cantos e Recantos* (1987), *Retratos* (1993), além de crônicas e críticas publicadas nos jornais da cidade.

Com *Haicais* (1999), a preferência pelo verso curto mais uma vez é ressaltada. Thomé passa a explorar o gênero literário de origem oriental, que possui como maior expressão o poeta japonês Matsuo Bashô (1664-1694), segundo Paz (1991, p.195), artista que produz uma “poesia que é verdadeiro *calmante*”. Inicialmente o haicai obedecia a uma temática fixa (a natureza), além de uma preocupação formal rígida quanto à métrica (5 – 7 – 5). Modernamente esse gênero foi prestigiado e revitalizado por autores como Guimarães Rosa e Guilherme de Almeida.

A rapidez do estilo e de pensamento é, para Calvino (1990), um valor que, em tempos cada vez mais congestionados, responde a uma necessidade de se atingir a máxima concentração da poesia e do pensamento. Para o autor, a agilidade da expressão se constrói no ato da escrita, por intermédio da concisão vocabular, da força sugestiva do texto, do raciocínio rápido que comunica algo de especial que se encontra precisamente nessa ligeireza. Densidade, brevidade, concisão, poder de sugestão encontram-se no exercício do haicai. Com tais aspectos, esse gênero poético ilustra não só a poesia moderna, mas o conceito de rapidez apresentado por Calvino. O haicai, pela brevidade que lhe é característica, e que não deve ser associada à facilidade, pela simplicidade e, ao mesmo tempo, pela possibilidade de exprimir a trama da vida, responde, como o conceito de rapidez dado por Calvino, a uma necessidade do século XXI.

O trabalho da autora revela outros aspectos, tais como a metalinguagem, o lirismo e a sinestesia. Destacam-se ainda a plasticidade e o cromatismo (Cores se abrem/ no campo e flores./ Primavera.), (Cores amadurecem/ nas árvores e no chão./ Outono) o que permitiu uma aproximação com as artes plásticas. O diálogo com a pintura não se esgotou nas ilustrações utilizadas na obra literária, ao contrário, propiciou maior aproximação popular, uma vez que

a partir de então, Flora Thomé passou a desenvolver um trabalho aliado à Associação dos Artistas Plásticos de Três Lagoas, com a divulgação, por meio de calendários para mesa, com dupla face, dos haicais da autora aliados às obras dos artistas plásticos locais.

O artista Emmanuel Marinho - *mix* de poeta, diretor teatral, ator, músico e agitador cultural - mantém forte relação com a cultura de MS, especialmente na região de Dourados, cidade próxima à fronteira “onde o Brasil foi Paraguai”. O início de sua produção literária é marcado pela publicação de *Ópera* (1980). Durante a primeira metade da década de 1980, publica outras duas obras: *Cantos da terra* (1982), *Jardim das Violetas* (1983). A essas produções seguem: *Margem de Papel* (1994), *Satírico* (1995) e *Caixa de Poemas* (1997). De acordo com Souza (2000, p.134), *Opera 3* é “uma peça teatral poética”; em *Cantos da Terra o autor* “canta sua gente, seus sonhos, seus amores e seus desejos de liberdade; em *Jardim das Violetas*, utilizando as palavras do próprio poeta, Marinho faz um “estudo poético, um livrolúdico, pазsseio entre palavras, acústicos e borboletas, numa aluviação da poesia sobre a poesia”.

Em *Caixa de Poemas*, por intermédio de uma obra em que o elemento tátil interfere no material poético, Marinho produz não um livro com o formato habitual, mas uma “caixa” em que os poemas não possuem uma ordem evidente a ser seguida, uma vez que é possível a retirada e leitura dos poemas de maneira aleatória - evidência de que não existe uma ordem linear para a leitura da obra: não temos um primeiro ou um último poema, possuímos uma obra que pode ser construída/desconstruída.

As diversas formas geométricas que compõem a “capa” ou a “caixa em si”, já são reveladoras da diversidade que será encontrada na obra: é possível perceber várias formas geométricas oriundas do quadrado, do retângulo, do triângulo e do círculo que, em princípio, são as formas mais evidentes e que, após um olhar mais atento, possibilitam a visão de outras formas. Outro aspecto que, de imediato, chama a atenção do leitor é o material, o papel utilizado: o autor lança mão do uso de papel reciclado, praticamente artesanal, o que confere diferentes texturas ao texto e contribui para a percepção tátil de uma poesia que também explora a disposição gráfica das palavras no papel, uma apreensão concretista; tal fato é revelador elaboração formal e confirma o pensamento de Panofsky (2001, p.32) de que na obra artística, em muitos casos, “o interesse na idéia é equilibrado e pode até ser eclipsado por um interesse na forma”.

Além do lirismo e da metalinguagem (a poesia /é suja de som/ de sonhos/ de sangue/ e de signos.), cromatismo é outra peculiaridade evidente: há a apropriação das cores tanto no colorido do papel quanto como elemento poético e a referência, explícita ou implicitamente, a artistas plásticos e literários, o que possibilita a ampliação dos horizontes de expectativas do leitor:

o amarelo de van gogh
me perturba.
percebo um turbilhão
que é dele
e que a mim também assusta
ando um tanto incompleto de mim.
o sol do meio dia
é meio meu
no que partilho.

os poetas malditos
atravessam meu espelho
quando sou sobra sombra ou rio.

mas tudo é fato de azul
quando você pinta.

as cores me adoçam
e me aguçam.

A diversidade temática é outro aspecto a ser destacado: o livro não gira em torno de um único tema e fica distante de estar circunscrito ao espaço geográfico pantaneiro; vários são os objetos que servem de pretexto para a arte de poetar: entre outros, as notícias de televisão, o amor (assim como a televisão/ precisa de santa chutada/ seqüestro à mão armada/ e outros casos de polícia/ meu coração amor/ precisa de notícias/ me internet! / internet! /internet!) o índio – recorrência para Marinho – apesar de o Estado possuir considerável número de reservas, os indígenas socialmente não são respeitados e culturalmente pouco representados:

O ÍNDIO E O TRATOR
O TRATO AO ÍNDIO
O TRATOR INDO
E O ÍNDIO RINDO
O ÍNDIO E O TRATOR
O TRATO AO ÍNDIO
O ÍNSIO INDO
SUMINDO
SÓ INDO
E O TRATOR
TRAAAAAAAINDO.

A sonoridade é outro elemento a ser valorizado na obra de Emmanuel Marinho: a partir do ritmo que o autor consegue extrair por meio da seleção e combinação de vocábulos que evocam determinados sons, como um trator, por exemplo, observa-se essa preocupação. Em 2001 o artista lança o cd *Teré*, conferindo som a vários poemas de sua obra anterior e apresentando alguns inéditos, contemplando, inclusive, outras formas, como o haicai a seguir:

h a i
k a i
p i r a

Algumas considerações

Circunscrever a produção literária sul-mato-grossense apenas a uma relação espacial, no caso à região pantaneira, parece-nos uma tentativa de afirmação identitária. Aliás, nesse sentido, há uma tentativa não apenas de relacionar a literatura local a este universo particular, mas a cultura estadual como um todo.

Entretanto, apesar dessa insistência na construção de uma identidade cultural associada ao pantanal, há uma produção artística intensa em todo o estado, particularmente nas regiões fronteiriças, que privilegia e serve de evidência da diversidade cultural existente em Mato Grosso do Sul e que privilegia a aproximação entre a literatura e outras formas artísticas.

O ser humano que surge na produção poética sul-mato-grossense, por intermédio dos exemplos literários anteriormente destacados, não é um indivíduo tão localizado geograficamente assim. O mesmo acontece com a natureza e com outros elementos recorrentes. Por sua vez, percebem-se autores extremamente preocupados com a elaboração estética, lançando mão de recursos de variadas ordens – tais como o cromatismo, a sonoridade, a metalinguagem, a fluidez – seja no plano formal, com composições de haicais, de prosa poética, entre outros, ou no plano do conteúdo, abordando questões sociais mais universais, não apenas relacionadas à região em questão.

Eagleton aponta para as questões sociais inerentes a quaisquer discussões acerca da cultura e a relação com a política e, portanto, com o aspecto ideológico. Para o autor, a cultura é algo

tanto pessoal como social: a cultura é uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso estando isolado. Com efeito, é o despontar do reconhecimento de que isso não é possível que ajuda a deslocar cultura de seu significado individual para o social. a cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política. (2005: 21)

No caso de Mato Grosso do Sul, há uma evidente necessidade oficial de se marcar a diferença, e, portanto, uma necessidade de afirmação identitária. Ao lado da presença das cores locais, na produção literária anteriormente destacada, percebe-se uma tendência à universalização, corroborando o pensamento de Brasil, para quem, “ante a identidades regionais, a literatura tem função de representar as ditas identidades, mas também, de imaginá-las, encaminhando-as para os novos paradigmas culturais, que serão cada vez mais urbanos e submetidos à mundialização” (2004: 39).

Portanto, um outro caminho possível para os trabalhos com a literatura sul-mato-grossense surge como alternativa: não apenas relacionar essa produção literária ao universo pantaneiro, mas destacar a elaboração artística dos autores, assim como os aspectos universalizantes de suas obras, bem como relacionar a noção de país constituído pela multiplicidade cultural a um conceito de estado também assim constituído.

OBRAS CITADAS

- BACHELARD, G. 1988. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes
- BARROS, M. de. 2001. *Retrato do artista quando coisa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record.
- BOSI, A. 2000. *História concisa da literatura brasileira*. 37 ed. São Paulo: Cultrix.
- BRASIL, L. A. de A. 2004. Entre a universalidade e o particular: a literatura ante as identidades regionais. In: *Cultura e identidade regional*. SCHÜLER, F. L. e BORDINI, M. G. (orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- CALVINO, Í. 1990. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. da Letras.
- COUCEIRO, S. 2002. Os desafios da história cultural. In: *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. BURITY, J. A. (org.). Rio de Janeiro: DP&A.
- CULLER, J. 1999. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca.
- EAGLETON, T. 2005. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP.
- HALL, S. 2001. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HELENA, L. 2001-2002. Identidades em Curso: José de Alencar e a hipótese Brasil. In: *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. n.º 1. UEFS:BA.
- MENEGAZZO, M. A. 2000. Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul: apontamentos de um leitor. In: *Ciclos de literatura comparada*. SANTOS, Paulo S. Nolasco. (org.). Campo Grande/MS: UFMS.
- MENEZES, E. 2002. *Quatro Exponentes da Literatura Sul-mato-grossense*: Lobivar Mattos, Manoel de Barros, Raquel Naveira e Visconde de Taunay. Campo Grande/MS: Athenas.
- PANOFSKY, I. 2001. *Significado nas artes visuais*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva.
- PAZ, O. 1991. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- RESENDE, B. 2001. A formação de identidades plurais no Brasil Moderno. In: *Fronteiras imaginadas*. COUTINHO, Eduardo F. (org.). Rio de Janeiro: Aeroplano.
- SILVA, T. T. da. 2000. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, T. T. Petrópolis/RJ: Vozes.
- SOUZA, F. M. 2000. A carnavalização de Emmanuel Marinho. In: *Ciclos de literatura comparada*. SANTOS, Paulo S. Nolasco (org.). Campo Grande/MS: UFMS.
- THOMÉ, F. 1980. *Cirros*. 2 ed. Três Lagoas/MS: Produção Independente.
- _____. 1999. *Haicais*. Três Lagoas/MS: Produção Independente.

POETRY AND IDENTITY DIVERSITY IN MATO GROSSO DO SUL

ABSTRACT: The cultural plurality of a country, or even of a state, can be verified in varied manifestations of diverse kinds; the literature is one of these. What we intend with the present article is to make evident, through some literary aspects of three poets' production from Mato Grosso do Sul, traces of a plural multifaceted identity.

KEYWORDS: literature, Mato Grosso do Sul culture, identity.